



CONCEITO DE COMUNIDADE DE PRÁTICA: UM OLHAR PARA AS PESQUISAS NA ÁREA DA EDUCAÇÃO E ENSINO NO BRASIL

COMMUNITY CONCEPT OF PRACTICE: A LOOK AT INVESTIGATIONS IN THE AREA OF EDUCATION AND TEACHING IN BRAZIL

Márcio Urel Rodrigues¹

UNEMAT/Barra do Bugres/MT

E-mail: <urelrodrigues@gmail.com>

Luciano Duarte da Silva²

IFG/ Goiânia/GO

E-mail: <lucianoduarte@gmail.com>

Rosana Giaretta Sguerra Miskulin³

UNESP- Rio Claro/SP

E-mail: <misk@rc.unesp.br>

Resumo

Este artigo apresenta um excerto relacionado a um aspecto da pesquisa de doutorado que foi desenvolvida na Unesp – Rio Claro. Tal excerto objetiva compreender o desenvolvimento conceitual das Comunidades de Práticas nas três obras de Etienne Wenger e identificar os reflexos desse referencial teórico nas pesquisas na área da Educação e Ensino no Brasil. Para isso, realizamos um mapeamento das pesquisas em Educação e Ensino seguindo os procedimentos das investigações do tipo “estado da arte”. Assim sendo, o *corpus* foi constituído por 46 pesquisas (20 dissertações e 26 teses) defendidas no período de 2005 a 2016. Esses procedimentos nos conduziram à identificação do desenvolvimento conceitual das Comunidades de Prática nas três obras que Etienne Wenger participa como autor. Notamos que após a publicação da terceira obra - Wenger, Mcdermott e Snyder (2002) -, Wenger apresenta o conceito de Comunidade de Prática próximo da definição enfatizada na referida obra. Apesar disso, constatamos que existe uma predominância da obra Wenger (1998) nas pesquisas que utilizam os pressupostos teóricos das Comunidades de Práticas na área da Educação e Ensino no Brasil; Percebemos a predominância de quatro programas de pós-graduação de quatro IES – Unesp – Rio Claro/SP; Unicamp – Campinas/SP; PUC – São Paulo/SP; e UEL – Londrina/PR - no Brasil que desenvolvem pesquisas na área da Educação e Ensino com os pressupostos das Comunidades de Práticas na perspectiva de Etienne Wenger em suas três obras principais.

¹ Doutor em Educação Matemática pela Unesp – Rio Claro/SP. Professor Adjunto lotado na Faculdade de Ciências Exatas e Tecnológicas da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Barra do Bugres/MT – Email: urelrodrigues@gmail.com

² Doutor em Educação Matemática pela Unesp – Rio Claro/SP. Professor Adjunto lotado no Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia – Campus Goiânia/GO. Email: lucianoduarte@gmail.com

³ Professora Adjunta lotada no Departamento de Educação Matemática do IGCE da Unesp – Campus Rio Claro/SP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática. E-mail: misk@rc.unesp.br

palavras-chave: Comunidade de Prática. Formação de Professores. Estado da Arte.

Abstract

The essay comes up with an excerpt related to an aspect of the doctoral research that was developed at Unesp - Rio Claro. This study has the purpose of understanding the conceptual development of Communities of Practice in the three works produced by Etienne Wenger, and also to identify the reverberation of this theoretical reference in research in the area of Education and Teaching in Brazil. For this purpose, we have accomplished a mapping of the researches in Education and Teaching following the procedures of the investigations of the type "state of art". Thus, the *corpus* was established by 46 investigations (20 dissertations and 26 theses) defended between the period from 2005 to 2016. These procedures have led us to identify the conceptual development of the Communities of Practice in the three works that Etienne Wenger participates as author. We have realized that after the publication of his third work - Wenger, McDermott and Snyder (2002) -, Wenger presents the concept of Community of Practice close to the definition emphasized in that work. In spite of that, we have found out that there is a predominance of the work Wenger (1998) in the investigations that use the theoretical assumptions of Communities of Practice in the area of Education and Teaching in Brazil; We also have noticed the predominance of four postgraduate programs of four HEIs - Unesp - Rio Claro / SP; Unicamp - Campinas / SP; PUC - São Paulo / SP; And UEL - Londrina / PR - in Brazil that develop investigations in the area of Education and Teaching with the assumptions of Communities of Practice from the perspective of Etienne Wenger in his three most important works.

Keywords: Community of Practice. Etienne Wenger. Teacher training. State of art.

1. Introdução

Apresentamos no presente texto um excerto da investigação desenvolvida por Rodrigues (2016)⁴ no Programa de Pós-Graduação de Educação Matemática da Unesp – Rio Claro/SP. Ressaltamos que a configuração do presente texto sofreu influência do “Grupo de pesquisa em processo de formação e trabalho docente dos professores de Matemática da Unesp – Rio Claro/SP”⁵, pois os processos da formação de professores têm sido objeto de estudos e pesquisas do referido grupo na área da Educação Matemática no Brasil.

Nesse grupo, tivemos a oportunidade de entrar em contato com as ideias que permeiam a teoria de Etienne Wenger das Comunidades de Prática, para a formação de professores, bem como fomos entendendo os conceitos, propósitos e benefícios da perspectiva teórica das Comunidades de Prática no cenário da formação de professores – formação inicial e continuada.

No presente texto, em um primeiro momento, apresentamos um referencial teórico envolvendo o desenvolvimento do conceito de Comunidade de Prática, pois entendemos que o

⁴ Este artigo está vinculado à pesquisa de Doutorado em Educação Matemática intitulada “Potencialidades do Espaço Formativo do Pibid na Formação de Professores de Matemática no Brasil”, defendida em 15 de novembro de 2016, no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Unesp – Rio Claro/SP.

⁵ Grupo coordenado pela Professora Dra. Rosana Giaretta Sguerra Miskulin. Outras informações estão disponíveis em: <<http://www.rc.unesp.br/igce/pgem/gfp/>>. Este grupo é constituído por professores e alunos da pós-graduação em Educação Matemática da Unesp – Rio Claro e está inscrito no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq.

reiterado conceito foi sendo construído e elaborado ao longo de pelo menos três importantes momentos, correspondentes às três obras de referência: Lave e Wenger (1991); Wenger (1998) e Wenger, McDermott e Snyder (2002).

Em um segundo momento, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados para coletar e analisar os dados. Já em um terceiro momento, apresentamos a descrição e análise dos dados permeados dialeticamente pela literatura pertinente. E no quarto e último momento, apresentamos a descrição de alguns aspectos das 46 pesquisas que utilizam os pressupostos teóricos das Comunidades de Prática na formação de professores na área da Educação ou Ensino no Brasil no período de 2005 a 2016.

2. Desenvolvimento do Conceito de Comunidade de Prática

Etienne Wenger⁶ utiliza diferentes definições para as Comunidades de Prática em diferentes momentos. Neste momento, apresentamos como o conceito de Comunidades de Prática foi tratado (quanto ao próprio conceito, à sua utilização e visão) nas três principais obras do referido autor: Lave e Wenger (1991); Wenger (1998) e Wenger, McDermott e Snyder (2002).

Wenger e Wenger-Trayner (2015, p. 1) afirmam que, apesar de o termo “Comunidade de Prática” ter sido cunhado recentemente, o fenômeno a que ele se refere é bem antigo. O conceito acabou por fornecer uma perspectiva útil para o conhecimento e aprendizagem. Para os referidos autores, “um número crescente de pessoas e organizações em diversos setores está atualmente focando Comunidades de Prática como uma perspectiva para melhorar o seu desempenho” (tradução nossa).

Para Wenger (1998, p. 6), as Comunidades de Prática estão em todo lugar e todos nós pertencemos a diversas Comunidades de Prática em um determinado tempo, pois “em casa, no trabalho, na escola, em nossos passatempos – nós pertencemos a várias Comunidades de Prática em um determinado momento. E as Comunidades de Prática às quais pertencemos mudam ao longo das nossas vidas” (tradução nossa).

No contexto da prática do professor que ensina Matemática, Miskulin (2010), com base em Wenger (1998), também explicita o conceito de Comunidades de Prática como sendo:

Constituídas por pessoas engajadas em um processo de aprendizagem social, coletiva em um domínio, que compartilha: uma preocupação, um objetivo ou uma paixão por ações que fazem e aprendem, por meio de uma interação, como fazer essas ações cada vez mais aprimoradas. Essa definição propõe, mas não assume, intencionalmente, que a

⁶ Etienne Wenger é um pesquisador reconhecido mundialmente no campo da Teoria do Aprendizado, e pioneiro na pesquisa sobre Comunidades de Prática. Além de pesquisador, é professor com PhD em inteligência artificial pela Universidade da Califórnia, em Irvine (EUA). É autor de diversos artigos e livros. Também atua como consultor independente, e comunicador, trabalhando com pessoas interessadas em desenvolver projetos organizacionais, tecnológicos e educacionais que ampliam a sinergia entre o aprendizado e a comunidade. Ele auxilia organizações a aplicar as ideias das Comunidades de Prática através de consultorias, workshops e palestras.

aprendizagem pode ser a razão principal para uma comunidade começar, ou ainda a

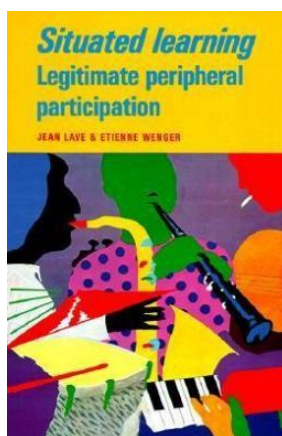
aprendizagem pode ser o resultado incidental da interação entre os participantes de uma comunidade (MISKULIN, 2010, p. 4).

Com base nesses aspectos, passamos agora a explicitar como o conceito de Comunidade de Prática foi construído e elaborado na obra de Lave e Wenger (1991).

2.1 Primeira Obra - Lave & Wenger (1991)

O conceito de “Community of Practice” (Comunidade de Prática) foi apresentado por Wenger e Lave em 1991 na obra *Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation*, como consta na Figura 1, a seguir:

Figura 1 – Capa da Primeira Obra com a participação de Etienne Wenger



Fonte: <http://www.amazon.com/Situated-Learning-Participation-Computational-Perspectives/dp/0521423740>

Nesse livro, Etienne Wenger desencadeou a teoria social da aprendizagem a partir de estudos realizados em parceria com Jean Lave⁷, com o objetivo de formular uma teoria de aprendizagem enquanto dimensão da prática social (LAVE; WENGER, 1991).

Para Barton e Tusting (2005, p. 1), o conceito de Comunidade de Prática, desenvolvido por Jean Lave e Etienne Wenger, tem sido abordado em Ciências Sociais, na Educação e por uma vasta gama de pesquisadores de diversas áreas, e “atualmente é um dos conceitos mais articulados e desenvolvidos dentro das Teorias Sociais da Aprendizagem” (tradução nossa).

Nessa obra, o conceito de Comunidade de Prática está relacionado à aprendizagem situada, e o foco de interesse está na forma como os novatos, numa Comunidade de Prática, aprendem pela interação que estabelecem com os outros membros do grupo, pois, a “aprendizagem situada pode ser entendida como sendo algo contínuo de nossa participação no mundo”, assim, a “aprendizagem é um aspecto integral e inseparável da prática social” (LAVE; WENGER (1991, p. 31, tradução nossa).

⁷ Jean Lave é antropóloga social e professora PhD emérita da Universidade da Califórnia, em Berkeley (EUA). Realiza pesquisas envolvendo a aprendizagem social. Ela foi pioneira na Teoria da Aprendizagem Situada e Comunidade de Prática, com a ajuda de seu aluno [Etienne Wenger](#). Juntos publicaram, em 1991, o livro *Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation*.

Os referidos autores apresentam diversas situações demonstrando que a aprendizagem decorre da participação nas práticas sociais de uma comunidade e que a aprendizagem é construída no cotidiano pela prática, pois, para eles, a aprendizagem é “um aspecto integral e inseparável da prática social” (LAVE; WENGER, 1991, p. 31).

Desta maneira, com este trabalho, surgem os primeiros conceitos a respeito de uma perspectiva social da aprendizagem. Para esses autores, o termo Comunidade de Prática implica “participação em um sistema de atividade no qual os participantes compartilham entendimento concernente ao que eles estão fazendo e ao que isto significa em suas vidas e para as suas comunidades” (LAVE; WENGER, 1991, p. 98).

Nesse livro, os autores definem o conceito de Comunidade de Prática como sendo:

Um conjunto de relações entre pessoas, atividades, e mundo no decorrer do tempo e em relação com outras Comunidades de Práticas tangenciais e sobrepostas. Uma Comunidade de Prática é uma condição intrínseca para a existência de conhecimentos, não somente porque ela provê um suporte de interpretação necessário para fazer sentido de sua herança. Deste modo, participação em uma prática cultural na qual qualquer conhecimento existe é um princípio epistemológico de aprendizagem. A estrutura social desta prática, suas relações de poder, e suas condições de legitimidade definem possibilidades para aprendizagem (i.e para a participação periférica legítima) (LAVE; WENGER, 1991, p. 98).

Os referidos autores desenvolveram os conceitos de Comunidade de Prática e participação periférica legítima com base na análise de cinco diferentes estudos etnográficos, conduzidos por diferentes autores (um grupo de parteiras mexicanas, um grupo de alfaiates africanos, um grupo de marinheiros americanos, um grupo de açougueiros em supermercados, e um grupo de alcoólatras anônimos).

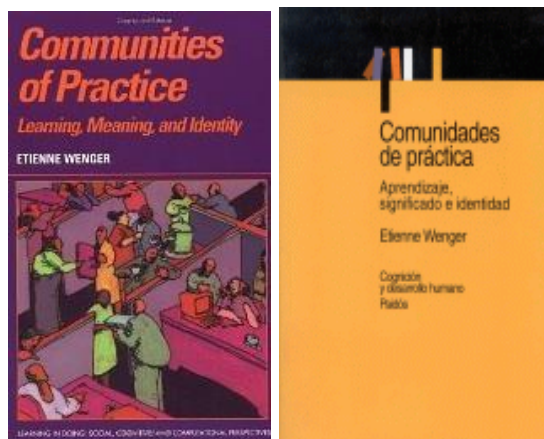
Lave e Wenger (1991, p. 29) entendem que, dentro de uma comunidade, a participação periférica legítima fornece “uma forma de se falar sobre as relações entre novatos e experientes e também sobre atividades e identidades. Esse conceito diz respeito ao processo pelo qual os novatos se tornam membros de uma Comunidade de Prática”.

Os referidos autores complementam afirmando que a participação periférica legítima significa que “os aprendizes participam de comunidades profissionais e que o domínio do conhecimento e da prática exige um direcionamento dos novatos à plena participação nas práticas socioculturais de uma comunidade” (LAVE; WENGER, 1991p. 29).

2.2 Segunda Obra - Wenger (1998)

A segunda obra, *Communities of Practice: learning, meaning and identity*, editada pela primeira vez em 1998 em inglês e reeditado em espanhol em 2001– como consta na Figura 2, a seguir:

Figura 2 – Capas da Segunda Obra de Etienne Wenger (Inglês e Espanhol)



Fonte: http://www.amazon.com/dp/0521663636/ref=rdr_ext_sb_pi_sims_1

Wenger inicia esse segundo livro afirmando que o surgimento do termo Comunidade de Prática deve ser creditado à antropóloga social Jean Lave, como diz nos agradecimentos iniciais em seu livro *Communities of Practice: learning, meaning and identity*:

Há algum tempo atrás, eu perguntei à minha colega Jean Lave em exatamente qual publicação ela introduziu o termo Comunidade de Prática. Nós havíamos empregado o termo em um livro que escrevemos juntos, mas eu queria dar os créditos apropriados a ela por dar origem a ele. Para minha surpresa, ela respondeu: Eu pensei que fosse você que tivesse vindo com ele. Entretanto, independente de qualquer coisa que ela diga, eu ainda acredito que foi ela (WENGER, 1998, p. xiii).

Wenger (1998) utiliza um estudo etnográfico sobre uma unidade de processadores de pedidos (*Tramitadores de solicitudes*) de uma companhia de seguros de saúde nos Estados Unidos como pano de fundo para discorrer sobre o processo de constituição de uma Comunidade de Prática. O referido autor inclui duas vinhetas⁸ e uma coda⁹.

A primeira “vinheta” se refere a uma descrição detalhada de um dia de trabalho de um processador de pedidos (Ariel), tendo por objetivo proporcionar uma imagem de uma Comunidade de Prática do ponto de vista do participante. Além das produções de Ariel, a vinheta descreve situações problemáticas que ela encontra durante seu trabalho e mostra como ela se comporta frente a essas situações, bem como mostra a influência que seus colegas exercem sobre ela. O envolvimento entre seus colegas extrapola os assuntos profissionais. Mostra como as relações pessoais e afetivas influenciam no rendimento do seu trabalho. Compartilham fatos corriqueiros de suas vidas particulares com seus colegas de trabalho.

A segunda “vinheta” descreve a utilização de uma forma criada pela Alinsu para facilitar os cálculos. Este caso ilustra o tipo de problemas que podem surgir quando os trabalhadores são convidados a aplicar um procedimento sem terem uma compreensão adequada da natureza das

⁸ As “vinhetas” servem como exemplificação para a compreensão dos conceitos teóricos.

⁹ A “coda” resume as vinhetas, introduzindo uma perspectiva de entendimento ou compreensão.

atividades envolvidas. A cada uma resume as vinhetas, introduzindo uma perspectiva de entendimento ou compreensão.

Considerando esse contexto, Wenger conseguiu, nas 300 páginas do seu livro, estabelecer uma abordagem teórica com grande riqueza de informações, detalhes e conceitos. Ele detalha o conceito de Comunidade de Prática e a maneira como a aprendizagem ocorre nesse contexto.

Nesse livro, Wenger define o conceito de Comunidade de Prática como sendo:

Sentir-se vivo enquanto um ser humano significa que nós estamos constantemente **engajados** na busca/consecução de **empreendimentos** de todos os tipos, desde para assegurar nossa sobrevivência física até a procura de prazeres mais elevados. Na medida em que definimos estes **empreendimentos** e nos **engajamos** conjuntamente em sua busca, **interagimos** uns com os outros e com o mundo e afinamos nossas relações... Em outras palavras, nós aprendemos. No decorrer do tempo, esta aprendizagem coletiva resulta em **práticas** que refletem tanto a consecução de nossos **empreendimentos** quanto o atendimento de relações sociais. Estas **práticas** são então a propriedade de um tipo de comunidade criada ao longo do tempo por uma busca sustentada de um **empreendimento compartilhado**. Faz sentido, então, chamar este tipo de comunidade, de Comunidades de Práticas (WENGER, 1998, p. 45, grifos nossos).

Considerando a definição apresentada anteriormente, percebemos uma evolução do conceito de Comunidade de Prática, pois este passa a ser aplicado no contexto organizacional. Para ele, uma Comunidade de Prática implica no engajamento mútuo em uma prática, ter um empreendimento conjunto negociado pelos participantes no decorrer do processo e, que, portanto, pertence a eles, e desenvolver um repertório compartilhado, que pode incluir rotinas, palavras, ferramentas, modo de fazer as coisas.

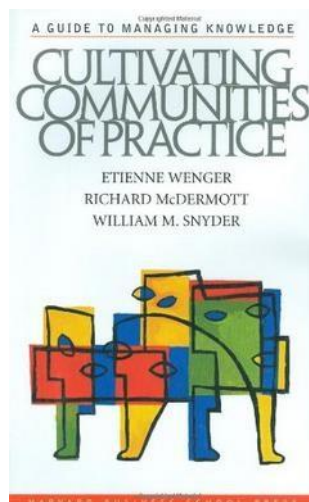
Nesse livro, Wenger (1998) deixou de lado o conceito de participação periférica legítima na definição de Comunidade de Prática, e apareceram como elementos centrais: (i) engajamento mútuo, (ii) empreendimento conjunto e (iii) repertório compartilhado, que são caracterizados pela prática enquanto propriedade de uma comunidade. Wenger (1998) realiza diversas incursões teóricas, elabora os conceitos de participação e reificação, e discute os modos de pertencer às comunidades – engajamento, imaginação e alinhamento. O referido autor apresenta um conjunto de 14 indicadores que permitem definir quando se está frente a uma Comunidade de Prática.

Wenger (1998) ressalta que a formação de uma comunidade se processa por meio do engajamento mútuo em um empreendimento conjunto, no qual seus membros compartilham um repertório de ações comuns (rotinas, procedimentos, artefatos, vocabulário, entre outros). Nas Comunidades de Prática, as pessoas são ligadas umas às outras pelo envolvimento concreto em atividades ou práticas comuns, engajadas mutuamente num empreendimento coletivo, orientadas por um senso de propósito comum.

2.3 Terceira Obra - Wenger, McDermott e Snyder (2002)

Na terceira obra com a participação de Wenger, os autores propõem que as Comunidades de Prática podem ser cultivadas dentro de organizações, como consta na Figura 3, a seguir:

Figura 3 – Capa da Segunda Obra com a participação de Etienne Wenger



Fonte: http://www.amazon.com/dp/1578513308/ref=rdr_ext_sb_pi_sims_1

Os autores fazem algumas distinções entre as Comunidades de Prática e outros fenômenos sociais, tais como grupos, equipes e redes sociais formais ou virtuais. Eles explicitam o conceito de Comunidade de Prática usando o exemplo de um grupo de engenheiros, que se uniram dentro de uma empresa e que, juntos, desenvolveram um trabalho muito produtivo. “Engenheiros descobriram que a participação ajuda a fazer melhor seu trabalho, e o tempo que passam juntos é um bom investimento” (WENGER; MCDERMOTT; SNYDER, 2002, p. 3).

Os referidos autores definem o conceito de Comunidade de Prática como sendo “um grupo de pessoas que compartilham uma preocupação, um conjunto de problemas, ou uma paixão sobre um assunto, e que aprofundam seu conhecimento e domínio nesta área interagindo em uma base contínua”. (WENGER; MCDERMOTT; SNYDER, 2002, p. 4).

Para eles, a Comunidade de Prática é vista como uma combinação única de três elementos fundamentais: um domínio de conhecimento comum, uma comunidade de pessoas que se preocupam com este domínio e uma prática compartilhada que elas desenvolvem para ser efetiva neste domínio.

A partir desses elementos, os autores propõem princípios para o cultivo de Comunidades de Prática, os estágios de desenvolvimento esperados, os desafios e dificuldades neste processo, entre outros aspectos. Esses autores enfatizam que o local ocupado pelos participantes não necessita ser o mesmo, os seus encontros acontecem pelo valor de suas interações e são motivados e transformados pelos limites informais daquilo que podem aprender juntos. Wenger, McDermott e Snyder (2002)

ornecem soluções para gerar dinamismo nas comunidades, bem como auxiliam na criação de Comunidades de Prática de sucesso.

O termo “prática” quase desaparece da definição de uma Comunidade de Prática proposta por Wenger, McDermott e Snyder, (2002), e, ao mesmo tempo, insere-se o fator paixão, como algo que une a comunidade. Esses aspectos conceituais destoam do trabalho anterior (WENGER, 1998), em que se dizia que um grupo de pessoas pode constituir uma Comunidade de Prática apenas para conduzir seu trabalho, como é relatado com os processadores de pedidos de seguro, sem qualquer paixão necessariamente.

Segundo Zaccarelli (2011, p. 25), a terceira obra de Wenger, em coautoria com McDermott e Snyder (2002):

Teve forte influência no meio acadêmico e muitos foram os autores que utilizaram a noção de Comunidades de Prática para pensar uma série de relações de aprendizagem: desde pequenos grupos em uma única organização, até setores inteiros privados ou públicos abrangendo inúmeras organizações. Uma parte significativa dos autores na área adotou a abordagem gerencial do conceito, sem críticas (ZACCARELLI, 2011, p. 116).

Wenger também explicita o conceito de Comunidade de Prática em diferentes momentos após o lançamento da terceira obra.

Em Wenger (2004, p. 2), afirma-se que as Comunidades de Prática são “grupos de pessoas que partilham uma paixão por algo que eles sabem fazer, e que interagem regularmente para aprender como fazê-lo melhor”. Já em Wenger (2006, p. 1), o autor define as Comunidades de Prática como sendo “grupos de pessoas que se engajam em atividades conjuntas e discussões, ajudam-se mutuamente, compartilham informações. Eles constroem relacionamentos que os permitem aprender uns com os outros”. Em um outro momento, Wenger (2009, p. 1) explicita que uma Comunidade de Prática é constituída por “um grupo de pessoas que compartilham um interesse ou paixão por alguma coisa que elas fazem, e aprendem como fazer melhor conforme elas interagem regularmente”.

O conceito de Comunidades de Prática mais atual é abordado por Wenger e Wenger-Trayner (2015, p. 1), como sendo:

Formadas por pessoas que se envolvem em um processo de aprendizado coletivo em um domínio compartilhado do esforço humano. Comunidades de prática são grupos de pessoas que compartilham uma preocupação ou uma paixão por algo que elas fazem, e aprendem como fazê-lo melhor interagindo regularmente (WENGER; WENGER-TRAYNER, 2015, p. 1, tradução nossa).

Considerando essas definições para Comunidades de Prática, propostas por Etienne Wenger em diferentes momentos após o lançamento da terceira obra, percebemos que todas elas se aproximam da definição apresentada no livro de Wenger, McDermott e Snyder (2002). Desta maneira, fica evidente a evolução conceitual do termo Comunidade de Prática.

Apos apresentarmos algumas distinções envolvendo o conceito de Comunidades de Prática, presentes nas principais obras de Wenger e seus colaboradores, no próximo item apresentamos o referencial metodológico do presente artigo.

3. Modalidade de Pesquisa e Procedimentos Metodológicos

A presente pesquisa segue os pressupostos da abordagem qualitativa, conforme as características expostas por Bogdan e Biklen (1994), e pode ser classificada como sendo de uma natureza bibliográfica, pois compreende o levantamento de dissertações e teses e a elaboração de fichamentos baseados na leitura sistemática desse material selecionado.

Em relação à modalidade da pesquisa, aproximamo-nos do estado da arte, pois procuramos compreender o conhecimento produzido e sistematizado pelas dissertações e teses defendidas sobre o desenvolvimento conceitual das Comunidades de Prática e identificar as principais referências de Etienne Wenger utilizadas nas pesquisas nas áreas de Educação e Ensino no Brasil.

Para Fiorentini e Lorenzato (2006, p. 103), os estudos denominados de estado da arte “procuram inventariar, sistematizar e avaliar a produção científica numa determinada área (ou tema) de conhecimento, buscando identificar tendências e descrever o estado do conhecimento de uma área ou de um tema de estudo”.

A esse respeito, Ferreira (2002) afirma que as pesquisas de estado da arte podem ser caracterizadas e definidas como de caráter bibliográfico, pois objetivam:

[...] mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários (FERREIRA, 2002, p. 258).

Nessa perspectiva, Viol e Miskulin (2014, p. 511) afirmam que as pesquisas do tipo estado da arte procuram sistematizar um determinado campo do conhecimento, visando “reconhecer e identificar os principais resultados das investigações realizadas na área investigada, as principais tendências temáticas assim como as abordagens dominantes e emergentes”.

Adotamos os procedimentos metodológicos elencados por Romanowski e Ens (2006) para a realização de uma pesquisa do tipo estado da arte, como consta nas etapas a seguir:

1ª etapa: Levantamento dos resumos das dissertações e teses no Banco da Capes, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), a partir do uso de descritores como “Comunidades de Prática” e “Wenger”, utilizando-se a pesquisa por assunto e uso de todas as palavras. Recorreremos também à busca das dissertações e teses a partir das bibliotecas digitais de diversos programas de pós-graduação nas áreas de Educação, de Educação Matemática, ou de Ensino de Ciências e Matemática.

2ª etapa: Definição do *corpus* da pesquisa. Encontramos 46 pesquisas (dissertações e teses) envolvendo a temática do presente artigo.

3ª etapa: Fichamento das dissertações e teses selecionadas. Extraímos de cada uma das 46 pesquisas as seguintes informações: (i) Título da Pesquisa; (ii) Autor da Pesquisa; (iii) Ano de Conclusão; (iv) Universidade/Programa de Pós-Graduação; (v) Referencial teórico utilizado para as Comunidades de Prática.

4ª etapa: Descrição dos aspectos e características das dissertações e teses, para o estabelecimento de um quadro síntese das pesquisas;

5ª etapa: Sistematização e descrição dos dados provenientes do *corpus* da pesquisa.

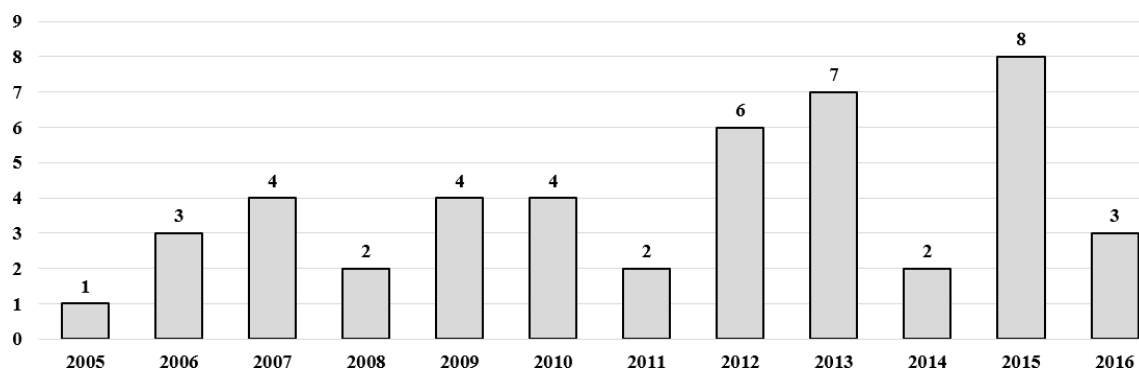
Considerando essas etapas, apresentamos, no item a seguir, a descrição e análise dos dados.

4. Descrição e Análise dos Dados

Este “estado da arte” baseou-se em informações e documentos provenientes das seguintes fontes: dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas em programas de pós-graduação em Educação, Educação Matemática e Ensino de Ciências e Matemática de diversas IES. Para compreensão mais aprofundada, foram analisadas 46 pesquisas defendidas entre os anos de 2005 e 2016.

Apresentamos, a seguir, na Figura 4, os anos das defesas das 46 pesquisas envolvendo o Conceito de Comunidade de Prática no Brasil.

Figura 4 – Distribuição das Pesquisas defendidas envolvendo as Comunidades de Prática



Fonte: Elaborada pelos Autores.

Continuando, apresentamos, a seguir, no Quadro 1, o *corpus* referente às 46 pesquisas (dissertações e teses) defendidas em programas de pós-graduação nas áreas de Educação ou Ensino no Brasil, envolvendo aspectos do conceito de Comunidade de Prática na perspectiva teórica de Etienne Wenger.

Quadro 1 – Pesquisas defendidas envolvendo aspectos das Comunidades de Prática

Ano	Nível	Autor	Título	IES
2005	Tese	SCHOMMER, P. C.	Comunidades de prática e articulação de saberes na relação entre Universidade e Sociedade	FGV – São Paulo/SP
2006	Dissertação	BUCHI, R. F.	Relações entre Comunidades de Prática e Comunidades de Aprendizagem	PUC – Curitiba/PR
2006	Tese	FREGONEIS, J. G. P.	Um Modelo de Gestão do conhecimento em Comunidades de Prática para a capacitação e assessoramento ao professor na área de informática na educação	UFSC – Florianópolis/SC
2006	Tese	MENGALLI, N. M.	Interação, Redes e Comunidades de Prática: Subsídios para a Gestão do Conhecimento na Educação	PUC – São Paulo/SP
2007	Tese	CARVALHO, V.	Mathematics Education and Society (MES): a constituição de uma Comunidade de Prática científica internacional	UNICAMP – Campinas/SP
2007	Dissertação	PRATES, D. P.	Medindo Valor em Comunidades de Prática: Caso Multicurso	FGV – Rio de Janeiro/RJ
2007	Tese	SILVA, H.	Centro de Educação Matemática (CEM): fragmentos de identidade	UNESP – Rio Claro/SP
2007	Dissertação	SILVA, M. R. C.	Formação e Gestão de uma Comunidade Virtual de Prática: criação e validação de um instrumento de pesquisa	UNICAMP – Campinas/SP
2008	Tese	COSTA, T. M. L.	Da Elaboração de um Artigo Multimídia – AMM – à Formação de uma comunidade de Aprendizagem: Um olhar para o desenvolvimento Profissional	PUC – São Paulo/SP
2008	Dissertação	MARIANO, C. R.	Indícios da cultura docente revelados em um contexto online no processo da formação de professores de matemática	UNESP – Rio Claro/SP
2009	Tese	BIZERRA, A.	Atividade de aprendizagem em museus de ciências	USP – São Paulo/SP
2009	Tese	PAMPLONA, A. S.	A formação estatística e pedagógica do professor de matemática em Comunidades de Prática	UNICAMP – Campinas/SP
2009	Dissertação	RAMOS, C. S.	Lista de discussão como comunidade virtual de aprendizagem: a visão de professores em formação contínua	UFRJ – Rio de Janeiro/RJ
2009	Dissertação	VICENTINO, E. V.	Educação Continuada do Professor de Matemática do Ensino Médio no Espaço Coletivo Escolar	Universidade Bandeirante de São Paulo
2010	Dissertação	CALDEIRA, J. S.	Um estudo sobre o pensamento algébrico de uma Comunidade de Prática de formação de professores de matemática	UEL – Londrina/PR
2010	Tese	MELO, J. R.	A formação do formador de professores de matemática no contexto das mudanças curriculares	UNICAMP – Campinas/SP
2010	Dissertação	BOHN, V. C. R.	Comunidades de Prática na Formação Docente: Aprendendo a Usar Ferramentas da Web 2.0	UFMG – Belo Horizonte/MG
2010	Dissertação	SOUZA, O. S.	Convite ao Professor de Matemática: Blog como Estratégia Curricular à Construção de uma Concepção de Educação Matemática	UFBA – Salvador/BA
2011	Dissertação	SOUZA, J. V. B.	Os Materiais Manipuláveis e a Participação dos Alunos na Aula de Matemática	UFBA – Salvador/BA
2011	Dissertação	ZACCARELLI, L. M.	Narrativas de Aprendizagem em uma Comunidade de Prática	Universidade Presbiteriana Mackenzie – São Paulo/SP
2012	Tese	BELINE, W.	Formação de Professores de Matemática em Comunidades de Prática: um estudo sobre identidades	UEL – Londrina/PR
2012	Dissertação	GHERARDI, M. R.	Comunidade de prática em curso <i>on-line</i> para formação contínua de educadores e o papel do moderador – um estudo de caso	UFRJ – Rio de Janeiro/RJ
2012	Dissertação	OLIVEIRA, M. A.	As possíveis inter-relações das redes comunicativas – <i>Blogs</i> – e das Comunidades de Prática no processo de formação de professores de Matemática	UNESP – Rio Claro/SP
2012	Dissertação	SILVA, J. M.	O projeto Teletandem Brasil: as relações entre as comunidades virtuais, as comunidades discursivas e as comunidades de prática	UNESP – São José do Rio Preto/SP
2012	Dissertação	BENITEZ, V. C.	Formação de Professores de Matemática: dimensões presentes na relação PIBID e Comunidade de Prática	UNESP – Rio Claro/SP
2012	Dissertação	BARTELMEB S, R. C.	O ensino de astronomia nos anos iniciais: Reflexões produzidas em uma Comunidade de Prática	FURG – Rio Grande/RS
2013	Tese	MENDES, R. M.	A Formação do Professor que Ensina Matemática, as Tecnologias de Informação e Comunicação e as Comunidades de Prática: uma Relação Possível	UNESP – Rio Claro/SP
2013	Tese	MONACO, L.	O Setor Educativo de um museu de ciências: um diálogo com as Comunidades de Prática	USP – São Paulo/SP
2013	Tese	NAGY, M. C.	Trajetórias de Aprendizagem de Professoras que ensinam Matemática em uma Comunidade de Prática	UEL – Londrina/PR
2013	Dissertação	ROCHA, M. R.	Empreendimentos de uma Comunidade de Prática de professores de Matemática na busca de aprender e ensinar frações	UEL – Londrina/PR

2013	Tese	SILVA, F.	Comunidades de Prática online: Contribuições à Formação de professores no Brasil e em Portugal	PUC – São Paulo/SP
2013	Tese	SILVA, M. R. C.	Análise do Impacto de Conjunções de Comunidades Virtuais de Prática na Aprendizagem e na (Re)Construção da Prática	UNICAMP – Campinas/SP
2013	Tese	JORDANE, A.	Constituição de Comunidades Locais de Prática Profissional: Contribuições para a Construção de um Currículo Integrado no Curso Técnico na Modalidade de EJA	UFES – Vitória/ES
2014	Tese	BALDINI, L. A. F.	Elementos de uma Comunidade de Prática que permitem o desenvolvimento profissional de professores e futuros professores de Matemática na utilização do software Geogebra	UEL – Londrina/PR
2014	Tese	BATISTA, A. C. A.	Aprendizagem Situada em uma Comunidade de Aprendizes de Matemática de uma Escola Pública	UNICAMP – Campinas/SP
2015	Tese	PAULIN, J. F. V.	Educação a Distância <i>Online</i> : Potencialidades para a Formação de Professores que Ensinam Matemática	UNESP – Rio Claro/SP
2015	Dissertação	RAMOS, W. R.	Observatório da Educação da PUC/SP e a Formação de Professores que ensinam Matemática em Comunidades de Prática	PUC – São Paulo/SP
2015	Dissertação	MARIALVA, W. A.	Tecnologias e Currículo: um estudo de caso sobre a Comunidade de prática Professor 2.0	PUC – São Paulo/SP
2015	Tese	RICHIT, A.	Formação de Professores de Matemática da Educação Superior e as Tecnologias Digitais: Aspectos do Conhecimento Revelados no Contexto de uma Comunidade de Prática Online	UNESP – Rio Claro/SP
2015	Tese	FARIAS, M. M. R.	Introdução a Noções de Cálculo Diferencial e Integral no Ensino Médio no Contexto das TIC: Implicações para Prática do Professor que Ensina Matemática	UNESP – Rio Claro/SP
2015	Tese	CRISTOVÃO, E. M.	Estudo da Aprendizagem Profissional de uma Comunidade de Professoras de Matemática em um Contexto de Práticas de Letramento Docente	UNICAMP – Campinas/SP
2015	Tese	VASQUEZ, M. L. H.	Aprendizagem Docente sobre a Prática de Ensinar e Aprender Matemática em uma Comunidade Fronteiriça entre Universidade e Escola	UNICAMP – Campinas/SP
2015	Tese	SANTOS, V. C.	A Formação de Professores em Comunidades de Prática: o caso de um grupo de professores de Química em formação inicial	USP – São Paulo/SP
2016	Dissertação	BONETO, C.	Representações Sociais acerca de uma Comunidade de Prática enquanto Espaço de Formação Continuada	PUC – São Paulo/SP
2016	Tese	RODRIGUES, M. U.	Potencialidades do PIBID como espaço formativo para professores de matemática no Brasil	UNESP – Rio Claro/SP
2016	Tese	TINTI, D. S.	Aprendizagens docentes situadas em uma Comunidade de Prática constituída a partir do OBEDUC	PUC – São Paulo/SP

Fonte: Dados da Pesquisa.

Com base no quadro 1, identificamos que, das 46 pesquisas, 26 são teses de Doutorado e 20 dissertações de Mestrado defendidas nos programas de Pós-Graduação no Brasil. Com esse *corpus* da pesquisa definido sobre as dissertações e teses envolvendo aspectos das Comunidades de Prática na área da Educação, procuramos identificar as principais referências do teórico Etienne Wenger utilizadas nessas pesquisas.

Considerando as 46 pesquisas, identificamos que foram defendidas em 17 Instituições de Ensino Superior no Brasil, como consta na Tabela 1, a seguir:

Tabela 1 – Distribuição das Pesquisas nas Instituições de Ensino Superior

IES – Universidades	F
UNESP – Rio Claro/SP	9
UNICAMP – Campinas/SP	8
PUC – São Paulo/SP	7
UEL – Londrina/PR	5
USP – São Paulo/SP	3
UFBA – Salvador/BA	2
UFRJ – Rio de Janeiro/RJ	2
Fundação Getúlio Vargas – RJ	1
Fundação Getúlio Vargas – SP	1
FURG – Rio Grande/RS	1
PUC – Curitiba /PR	1
UFES – Vitória/ES	1
UFMG – Belo Horizonte/MG	1
UFSC – Florianópolis/SC	1

UNESP – São José do Rio Preto/SP	1
Universidade Bandeirante de São Paulo	1
Universidade Presbiteriana Mackenzie – São Paulo/SP	1
Total de Dissertações e Teses	46

Fonte: Dados da Pesquisa.

Considerando a Tabela 1, apresentada anteriormente, constatamos a predominância das pesquisas envolvendo o conceito de Comunidade de Prática em quatro programas de pós-graduação de quatro IES no Brasil, conforme consta no Quadro 2, a seguir.

Quadro 2 – Pesquisas defendidas envolvendo aspectos das Comunidades de Prática

IES	AUTOR/ANO
UNESP – Rio Claro/SP 09 PESQUISAS	SILVA (2006); MARIANO (2008); OLIVEIRA (2012); MENDES (2013); BENITEZ (2013); PAULIN (2014); RICHIT (2015); FARIAS (2015); RODRIGUES (2016).
UNICAMP – Campinas/SP 08 PESQUISAS	SILVA (2007); CARVALHO (2007); PAMPLONA (2009); MELO (2010); SILVA (2013); BATISTA (2014); CRISTOVÃO (2015); VASQUEZ (2015).
PUC – São Paulo/SP 07 PESQUISAS	MENGALLI (2006); COSTA (2008); SILVA (2013); RAMOS (2015); MARIALVA (2015); BONETO (2016); TINTI (2016).
UEL – Londrina/PR 05 PESQUISAS	CALDEIRA (2010); BELINE (2012); NAGY (2013); ROCHA (2013); BALDINI (2014).

Fonte: Elaborado pelos Autores.

Na Universidade Estadual Paulista (Unesp – Rio Claro/SP), foram defendidas nove pesquisas no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática que usavam as Comunidades de Prática como aporte teórico. Destacam-se as oito pesquisas orientadas pela Professora Dra. Rosana Giaretta Sguerra Miskulin. A referida pesquisadora, ao apresentar algumas potencialidades das Comunidades de Prática, declara que o processo de constituição de uma comunidade e assume como premissa “a constituição de um grupo de pessoas, de professores de Matemática, que buscam refletir sobre questões de diversas naturezas, guiados por objetivos e interesses comuns que envolvem, muitas vezes, as suas próprias práticas relacionadas ao trabalho docente” (MISKULIN, 2010, p. 2).

Na Universidade de Campinas (Unicamp), foram defendidas oito pesquisas no Programa de Pós-Graduação em Educação que utilizavam as Comunidades de Prática como aporte teórico. O Professor Dr. Dario Fiorentini – docente da Faculdade de Educação e atuante como orientador no referido programa – defende a constituição de Comunidades de Prática nos processos formativos de professores, ao afirmar que os professores devem se organizar em comunidades na busca pela qualidade da Educação, nas quais eles “planejam, experienciam, investigam, transformam e atualizam permanentemente seu campo profissional, frente às demandas e desafios sociais, políticos e culturais que variam de acordo com os diferentes espaço-tempos das práticas sociais, sendo a escolar uma delas” (FIORENTINI, 2009, p. 16).

Na PUC/SP, foram defendidas sete pesquisas no Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação Matemática que abordam as Comunidades de Prática como aporte teórico. A Professora Dra. Ana Lucia Manrique – docente da Faculdade de Ciências Exatas e Tecnológicas e atuante como

orientadora no referido programa – enfatiza que a aprendizagem é concebida como decorrência da participação em práticas sociais, em particular pela participação em Comunidades de Prática. A referida pesquisadora utiliza essa lente teórica para apresentar reflexões sobre as interações realizadas nos episódios formativos, pois “participar de uma Comunidade de Prática envolvendo professores e futuros professores que ensinam Matemática na educação básica, se constituiu em um aspecto fundamental na formação dos diferentes sujeitos” (RAMOS; MANRIQUE, 2015, p. 995).

Na Universidade de Londrina (UEL), foram defendidas cinco pesquisas no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática que utilizavam as Comunidades de Prática como aporte teórico. A Professora Dra. **Márcia Cristina de Costa Trindade Cyrino** – docente do Departamento de Matemática e atuante como orientadora no referido programa – defende a utilização do referencial das Comunidades de Prática na formação de professores, pois, para a referida autora, “em cursos de formação de professores, em particular nos que discutem metodologia, desempenho e atitudes de professores, podem fazer a diferença na investigação sobre como esse envolvimento possibilita a aprendizagem desses profissionais” (CYRINO, 2009, p. 106).

Considerando os dados apresentados acima, podemos afirmar que existem quatro centros (programas de pós-graduação) conceituados desenvolvendo pesquisas com a formação de professores nas área da Educação ou Ensino, com os pressupostos teóricos das Comunidades de Prática na perspectiva elucidada por Etienne Wenger e outros.

Constatamos ainda que as pesquisas desenvolvidas pelos integrantes dos quatro programas de Pós-Graduação no Brasil utilizam diversos aspectos da perspectiva teórica da Comunidade de Prática que consideram a aprendizagem socialmente compartilhada como aspecto fundamental e decorrente de uma prática social e dos processos formativos de professores.

Na presente investigação envolvendo o “estado da arte” das pesquisas que utilizam o conceito de Comunidade de Prática, constatamos um aspecto divergente do apresentado por Zaccarelli (2011, p. 25) em sua tese de doutorado. Para a referida pesquisadora, “na literatura recente, tanto nacional quanto internacional, os pesquisadores e autores, em sua grande maioria, têm adotado o conceito de Comunidade de Prática apresentado por Wenger, McDermott e Snyder (2002)”.

Figura 5 – Obras sobre as Comunidades de Prática mais utilizadas nas Pesquisas na Área da Educação



Fonte: Elaborada pelos Autores.

Considerando o gráfico apresentado anteriormente na Figura 5, constatamos que, nas 46 pesquisas analisadas na área da Educação, os dados apresentam uma conclusão diferente da tese de Zaccarelli (2011), pois, em nossa investigação, a principal obra de Etienne Wenger é *Communities of practice: learning, meaning and identity* (1998).

Considerações Finais

A partir das 46 dissertações e teses estudadas que utilizaram os pressupostos teóricos das Comunidades de Prática, podemos afirmar que esse conceito tem contribuído de diferentes maneiras no cenário da formação de professores, como evidenciado nas pesquisas na área da Educação ou Ensino no Brasil. Ressaltamos ainda que o mapeamento e leitura das pesquisas mencionadas anteriormente constituiu-se em um elemento importante para a nossa compreensão de alguns conceitos inerentes às Comunidades de Prática no contexto da formação de professores no Brasil.

A IBE/UNESCO (2005, p. 11) reconhece o valor das Comunidades de Prática para a área da Educação, pois afirma que as elas podem ser consideradas como “um espaço que providencia um ambiente de enaltecimento profissional no qual os especialistas podem comunicar-se regularmente para discutir, explorar e investigar questões de interesse comum”.

A esse respeito, Ramos e Manrique (2015) enfatizam a necessidade de mais pesquisas que relacionem as Comunidades de Prática aos processos formativos de professores de Matemática, pois, segundo levantamento realizado pelos referidos autores, “ainda são poucas e revelam um campo fértil a ser explorado por pesquisadores em Educação Matemática, podendo trazer ricas contribuições para o cenário da formação de professores que ensinam Matemática” (RAMOS; MANRIQUE, 2015, p. 981).

Para concluir, afirmamos que as Comunidades de Prática têm sido utilizadas nas pesquisas – que buscam compreender os processos formativos de grupos de professores e futuros professores – na área da Educação ou Ensino, porque se apresentam como um cenário de aprendizagem que podem contribuir com a formação de professores, pois se configuram como um contexto propício para o desenvolvimento de práticas colaborativas e reflexivas entre os seus membros.

Referências Bibliográficas

BARTON, D.; TUSTING, K. **Beyond Communities of Practice**: language, power and social context. New York: Cambridge University Press, 2005.

BOGDAN, R., BIKLEN, S., **Investigação Qualitativa em Educação** – uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora. 1994.

CYRINO, M. C. C. T. Comunidades de Prática de professores como espaço de investigação sobre formação de professores de matemática. In: BATISTA, I. L.; SALVI, R. F. **Pós-Graduação em**

Ensino de Ciências e Educação Matemática: periti de pesquisas. Londrina: EDUEL, 2009, p. 95-110.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, n. 79, p. 257-272. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

FIORENTINI, D.; LORENZATO, S. **Investigação em Educação Matemática:** percursos teóricos e metodológicos. Campinas: Autores Associados, 2006.

FIORENTINI, Dario. **Educação Matemática:** Diálogos entre Universidade e Escola (Conferência no X Encontro Gaúcho de Educação Matemática - Unijui). Ijuí/RS, 2009. p. 1-20. Disponível em: <http://www.projetos.unijui.edu.br/matematica/cd_egem/fscommand/CO/CO1.pdf>. Acesso em: 08 abril. 2017.

IBE/UNESCO, International Bureau of Education/United Nations Educational Scientific and Cultural Organization. **Uma Comunidade de Prática como uma rede global dos que desenvolvem currículos.** 2005. Disponível em: <http://www.ibe.unesco.org/cops/framework_port.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2015.

LAVE, J.; WENGER, E. **Situated Learning:** Legitimate Peripheral Participation. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

MISKULIN, R. G. S. Comunidades de Prática Virtuais: Possíveis Espaços Formativos de Professores que Ensinam Matemática. In: Encontro Nacional de Educação Matemática, Cultura e Diversidade, 10., Salvador. **Anais...** Salvador: SBEM, 2010, p. 1-10.

RAMOS, W. R.; MANRIQUE, A. L. Comunidade de Prática de Professores que Ensinam Matemática como Espaço de Negociações de Significados sobre a Resolução de Problemas. **Bolema**, v. 29, n. 53, p. 979-997, 2015.

RODRIGUES, Márcio Urel. **Potencialidades do PIBID como espaço formativo para professores de matemática no Brasil.** Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas - Rio Claro, 2016 540 f.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, PUC/PR, v. 6, n. 19, p. 37-50, set./dez. 2006.

VIOL, Juliana França; MISKULIN, Rosana Giaretta Sguerra. Formação Continuada de Professores e Educação a Distância: uma análise de pesquisas em Educação Matemática. **Acta Scientiae**, v. 16, n. 3, 2014. p. 505-520.

WENGER, Etienne. **Communities of practice:** learning, meaning and identity. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

_____. **Comunidades de Prática – Aprendizaje, Significado e Identidad – Cognición e Desarrollo Humano.** Paidós: Barcelona, Espanha, 2001.

_____. **Comunidades de prática.** 2004. Disponível em: <www.ewenger.com>. Acesso em: 24 fev. 2015.

_____. **Communities of practice: a brief introduction.** 2000. Disponível em: <http://www.ewenger.com/theory/communities_of_practice_intro.htm>. Acesso em: 24 fev. 2015.

_____. **Communities of Practice: a few frequently asked questions.** 2009. Disponível em: <<http://www.ewenger.com/theory>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

WENGER, Etienne; MCDERMOTT, Richard; SNYDER, William M. **Cultivating communities of practice: a guide to managing knowledge.** Boston, Mass: Harvard Business School, 2002.

WENGER, E.; WENGER-TRAYNER, B. **Communities of practice: A brief introduction.** 2015. Disponível em: <<http://wenger-trayner.com/wp-content/uploads/2015/04/07-Brief-introduction-to-communities-of-practice.pdf>>. Acesso em: 20 abril. 2017.

ZACCARELLI, Laura Menegon. **Narrativas de aprendizagem em uma Comunidade de Prática.** 147 f. Tese (Doutorado em Administração de Empresas) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.

Recebido em 08/01/2017

Aceito em 20/06/2017